

VARÍOLA BOVINA

Introdução

O termo varíola bovina é utilizado para descrever uma doença infectocontagiosa de caráter zoonótico que pode ser provocada por vários vírus da família *Poxviridae*, sendo o principal, um vírus do gênero *Ortopoxvírus*, o vírus vaccínia (VACV), capaz de causar lesões na pele de animais e seres humanos.

Por não se tratar de uma doença de notificação obrigatória, sua situação real como zoonose é desconhecida no Brasil e em Mato Grosso do Sul. Além disso, a maioria dos casos ocorre em trabalhadores rurais que muitas vezes não procuram auxílio médico por se tratar de uma doença autolimitada, e quando procuram atendimento podem ser subdiagnosticados, sem investigação do caso.

Vale ressaltar que a doença em bovinos provoca perda econômica expressiva, principalmente em rebanhos leiteiros, devido a diminuição da produção e ocorrência de mastite secundária às lesões.

Considerando o longo período de permanência do vírus no ambiente, principalmente nas fezes, a higiene das instalações rurais e o uso de equipamentos de proteção individual são fundamentais para a prevenção da doença.

Transmissão

Entre animais: ocorre por meio do contato do bezerro com os tetos lesionados da mãe, por meio de equipamentos de ordenha mecânica contaminados ou pela mão dos ordenadores, que quando não são devidamente higienizadas, podem transmitir a doença de um animal para outro.

Dos animais aos seres humanos: contato direto do ser humano com as lesões presentes nos animais doentes.

Dos seres humanos para os animais: contato direto do animal com as lesões presentes no ser humano acometido.

Entre seres humanos: contato direto com as lesões do indivíduo acometido ou pelo contato indireto com o vírus presente em superfícies contaminadas.

Entre propriedades: ocorre por meio da introdução de animais doentes no rebanho e/ou de seres humanos doentes vindos de outras propriedades ao ordenhar animais sadios; trânsito de veículos provenientes de propriedades com animais positivos.

Atenção:

- ✓ Latões de leite contaminados podem ser reservatórios do vírus!
- ✓ O vírus se propaga pelas fezes por longo período de tempo podendo permanecer nas instalações e contaminar roedores, que se tornam reservatórios e mantêm o vírus por mais tempo no ambiente.

Sinais clínicos

Nos animais:

- ✓ Lesões de 1 a 2 cm, avermelhadas, que podem evoluir para vesículas/bolhas com conteúdo transparente ou purulento e formam áreas ulceradas ao se romper.
- ✓ Lesões mais frequentes nos tetos, úbere, boca, focinho, língua, e eventualmente no casco e vulva.
- ✓ Vacas em lactação apresentam dor intensa dificultando a ordenha completa, diminuindo a produção de leite, podendo até provocar interrupção da lactação.

Figura 1. Lesões provocadas por *Ortopoxvírus* em bovinos



Fonte: Lobato et al. (2005); São Paulo (2023)

Nos seres humanos:

- ✓ Lesões papulares que evoluem para vesículas, pústulas e crostas, podendo apresentar infecção secundária.
- ✓ Pode ocorrer reação sistêmica, com náusea, febre, perda de apetite, dores musculares e nas articulações e aumento de gânglios (ínguas).
- ✓ Os locais de maior ocorrência das lesões são as mãos e o antebraço.

Figura 2. Lesões provocadas por *Ortopoxvírus* em seres humanos



Fonte: Freire et al. (2011)

Diagnóstico

A suspeita clínica se dá por meio da presença de lesões sugestivas da doença, tanto nos animais, quanto nos seres humanos. O diagnóstico confirmatório será sempre laboratorial.

Prevenção e controle

Dentre as medidas de prevenção e controle da doença destacam-se:

- ✓ Separar animais doentes do restante do rebanho e implantar linha de ordenha, sempre manejando os doentes por último;
- ✓ Manter rotina de ordenha higiênica e organizada;
- ✓ Realizar medidas de desinfecção de tetos, pré e pós-ordenha, e dos utensílios;
- ✓ Utilizar iodo glicerinado nas lesões do úbere (não deixar o bezerro mamar por um período mínimo de duas horas);
- ✓ Inspecionar os animais que serão introduzidos no rebanho, e não transportar animais doentes para outras propriedades;
- ✓ Orientar os indivíduos acometidos a procurar uma unidade básica de saúde local;
- ✓ Utilizar luvas ao ordenhar animais com lesões ou se caso o ordenhador apresentar lesões nas mãos;
- ✓ Orientar profissionais de saúde sobre a doença para que estejam sempre atentos ao diagnóstico;
- ✓ Indivíduos com a doença devem evitar contato com outras pessoas e também com animais devido ao risco de transmissão;
- ✓ Esclarecer a população sobre a doença, principalmente os ordenhadores, com foco nas formas de contágio, sintomas e medidas preventivas.

Tratamento

Ainda não existe tratamento específico para combater o vírus, apenas terapia de suporte para controle dos sintomas da doença. A doença, na maioria dos casos, evolui para cura espontânea.

ATENÇÃO:

Ao apresentar sintomas suspeitos procure a unidade de saúde mais próxima de sua casa!

Em caso de animais suspeitos, informar a Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal - IAGRO com urgência!

Referências

FREIRE, A.F.D. et al. Infecção em humanos por varíola bovina na região de Ibertioga, estado de Minas Gerais. Revista Médica de Minas Gerais, v.21, n.4, p.471-475, 2011.

LOBATO, Z.I.P. et al. Surto de varíola bovina causada pelo vírus Vaccinia na região da Zona da Mata Mineira. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, v.57, n.4, p.423-429, 2005.

RIET-CORREA/SCHILD et al. Doenças de Ruminantes e Equídeos: 2 volumes. 4ª Edição. Editora MedVet, 2022.

SÃO PAULO. Defesa agropecuária do estado de São Paulo. Varíola Bovina. 2023. Disponível em: https://www.defesa.agricultura.sp.gov.br/educacao-sanitaria/files/cards/link_doencas_variola_bovina.pdf. Acesso em: 14 nov. 2023.

ELABORAÇÃO

